

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Nicole Pandolfo Silveira

**Anorexia na contemporaneidade:
um olhar sob(re) o peso do Outro e a virtualidade imponderável**

Porto Alegre

2022

Nicole Pandolfo Silveira

**Anorexia na contemporaneidade:
um olhar sob(re) o peso do Outro e a virtualidade imponderável**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Bacharela em Psicologia do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Amadeu de Oliveira Weinmann

Porto Alegre

2022

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Katia, pelo dom do amor.

À minha avó, Idalice, e ao meu irmão, Matheus, por cada olhar de carinho e palavra de apoio.

Ao Maurício, pela aposta, pelo combustível e pela presença amorosa e tranquila mesmo em meio ao caos dos dias.

Ao Luiz e à Vitória, pelo acolhimento e pelo incentivo.

Aos meus amigos Vinícius, Eduardo, Jordan, Pedro, Nicole Barros, Kellen, Andreli e Gabriel – companheiros de psicologia e de sociais –, por terem tornado essa trajetória mais leve e completa.

Ao professor Amadeu, pela inspiração desde o início do curso e pela orientação neste trabalho final.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pelo ensino público de excelente qualidade.

Ao meu avô e ao meu pai, que não estão mais aqui para lerem estas palavras, mas que são fundamentais na escrita da minha história.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo lançar um olhar psicanalítico, desde um referencial freudo-lacaniano, para as vicissitudes da anorexia na contemporaneidade, considerando, para tanto, os processos constitutivos do sujeito e as implicações da cultura na subjetivação. A partir do pressuposto de que o sintoma é, em alguma medida, efeito da estrutura discursiva dominante de uma época, pretende-se percorrer as formas pelas quais os ideais, imperativos e modalidades de laço social de nosso tempo podem se articular ao sintoma anoréxico. Em se tratando da cultura contemporânea, a ênfase dessa investigação recai, particularmente, sobre os estatutos da virtualidade e da imagem e os seus possíveis enlaces à problemática da anorexia.

Palavras-chave: Psicanálise, anorexia, contemporaneidade, virtualidade, imagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. Anorexia(s) na História	8
2. A anorexia na obra de Sigmund Freud	11
3. A anorexia entre o sujeito e o Outro: Contribuições de Jacques Lacan	13
3.1 Sujeito	13
3.2 Sintoma	15
3.3 Objeto nada	16
3.4 Espelho, corpo e imagem	18
4. Às voltas com o espelho: a adolescência	19
5. O Outro contemporâneo	21
5.1 Virtualidade: corpo, imagem e corpo-imagem	21
5.2 Anorexia, rede e laço social	25
6. Considerações finais	28
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

INTRODUÇÃO

Os principais sistemas classificatórios atuais – a 5ª edição do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) e a 11ª edição da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) – convergem quanto aos critérios diagnósticos para a anorexia. Na categoria dos transtornos alimentares, a *anorexia nervosa* é caracterizada por um importante emagrecimento produzido por meio de restrição alimentar autoimposta, que resulta em um peso significativamente baixo para a altura, idade e estágio de desenvolvimento; por medo intenso de engordar, em geral associado a um padrão persistente de comportamentos que visam impedir a restauração do peso; por uma perturbação no modo como o próprio peso ou a forma corporal são vivenciados pelo *indivíduo*, influenciando indevidamente sua autoavaliação e autoestima; e pela ausência ou negação, pelo *indivíduo*, da gravidade de sua condição (Hiluy et al., 2019). Destaco o “indivíduo” para situá-lo, bem como aos referidos sistemas classificatórios, no interior de um discurso que remonta à modernidade e que hoje, ainda, orienta hegemonicamente o saber-fazer médico-científico.

A despeito dos importantes avanços da medicina e da investigação científica e de suas consequências para a compreensão da complexidade da anorexia, esses saberes tendem, na teoria, a eclipsar a subjetividade, o saber do sujeito que sofre, e, na prática, a visar tão somente a extinção do sintoma. Em contrapartida, tomar a psicanálise como ponto de partida significa partir do pressuposto de que o sintoma (re)vela a verdade do sujeito – o que ele tem de mais real –, mesmo à sua revelia, e da sua relação com o Outro¹.

É no campo do Outro que o sujeito se constitui e, assim, não há como escapar das relações com aqueles que nos cercam e essas são sempre condicionadas pela história, pertencentes a uma dada cultura, numa determinada época. Desta forma, o sujeito humano está atrelado ao seu contexto sociocultural, e é neste que construirá sua subjetividade. A cultura, com suas práticas e valores sociais, produz sintomatologias e marca o psiquismo e o corpo humano, já que não podemos excluir o sujeito de seu mundo. (Goulart, 2003).

Pode-se dizer, então, que o sujeito está alienado à cultura, de modo que sua expressão individual está necessária e intimamente ligada ao coletivo. Nessa esteira, o sintoma é também, ao

¹ Outro que, no ensino lacaniano, refere-se ao universo discursivo que organiza o laço social e que compreende todo o contexto histórico, cultural e linguístico de que o sujeito é efeito (Pereira et al., 2019).

menos em parte, efeito da estrutura discursiva de um determinado contexto histórico e social, isto é, efeito do discurso do Outro.

As configurações subjetivas decorrentes das recentes mudanças experimentadas no laço social e o lugar ocupado pelo corpo, pela imagem e pela magreza enquanto ideal de beleza predominante ocupam lugar de destaque na concepção corrente sobre a anorexia (Goulart, 2003). No entanto, como veremos, que esse sintoma esteja “em alta” não significa que seja novo. O que é novo – os ideais, imperativos e modalidades de laço social próprios de nosso tempo – é mais uma causa concorrente para o desencadeamento da anorexia na história do sujeito (Fuks & Campos, 2010). Cabe aqui uma indagação: se vivemos todos e todas em um mesmo tempo e sob os mesmos ideais e imperativos culturais, por que algumas pessoas desenvolvem quadros de anorexia, mas não outras?

Sabemos que a anorexia é um sintoma que afeta predominantemente mulheres² e, mais ainda, mulheres jovens (Pencak & Bastos, 2009), o que suscita ainda outras questões acerca da sua incidência – questões que procuro percorrer em minha escrita. De acordo com Weinberg (em Perez & Jacobsohn, 2016), “fica anoréxica ou bulímica quem pode, não quem quer”. Logo, embora o peso, o corpo e/ou a imagem corporal sejam fonte de insatisfação para muitas pessoas, isso não basta para desencadear um transtorno alimentar.

Para Marin (2001), o sintoma é justamente a solução criativa que o sujeito encontra para dar conta da expressão de suas paixões, faltas e dores dentro de um quadro autorizado pela cultura – em última instância, é a solução de compromisso entre a tentativa de realização pulsional e a expressão cultural permitida. Na formação sintomática se enlaçam, então, algo da estrutura particular do sujeito e algo particular da forma como se estrutura o Outro.

Frente às vicissitudes da contemporaneidade, Weinmann (2016) sustenta que o atual não encontra registro em nosso sistema de representações e que por isso o desorganiza, constituindo um problema para o pensamento. O contemporâneo, portanto, é intangível, inapreensível em sua totalidade, e talvez seja essa sua única condição inequívoca.

Em Agamben (2009) a contemporaneidade comparece como uma relação singular do sujeito com o próprio tempo, que exige que se possa aderir a ele e, simultaneamente, dele se distanciar. Segundo o filósofo, aqueles que coincidem muito plenamente com sua época – que a ela aderem perfeitamente – não são contemporâneos porque, por isso mesmo, não conseguem vê-la.

Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver

² Por esse motivo o termo “anoréxica”, no feminino, será utilizado por vezes ao longo deste trabalho.

essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. [...] Pode dizer-se contemporâneo apenas quem não se deixa cegar pelas luzes do século e consegue entrever nessas a parte da sombra, a sua íntima obscuridade. (Agamben, 2009, pp. 62-63).

Isso posto, o desafio a que me proponho neste trabalho é lançar luzes para o que há por trás do brilho das telas digitais ao qual nossos olhos já se adaptaram e que, talvez por isso, já não conseguem ver; para o que há aquém e além das imagens (e espelhos) que se infinitizam no Outro contemporâneo – para o real do sujeito. É em torno da dimensão subjetiva da experiência anoréxica, articulada ao contexto específico de nossa época, que tenciono desenvolver minha escrita, desde um referencial psicanalítico e, especialmente, dos ensinamentos de Sigmund Freud e de Jacques Lacan.

1. Anorexia(s) na História

A crescente verificação de quadros de anorexia e outros transtornos alimentares no cenário contemporâneo colabora para que muito apressadamente eles sejam considerados patologias novas e que, junto às toxicomanias, ao transtorno de pânico, ao estresse e às depressões, sejam tomados como produtos das estruturas sociais de nosso tempo (Fuks & Campos, 2010). Quanto à anorexia, em que pesem os efeitos da cultura contemporânea para sua incidência, esta não constitui, a rigor, uma novidade, posto que seus primeiros registros na literatura médica, segundo Fuks e Campos (2010), datam do século XVII.

Conforme Herscovici e Bay (1997), relatos de uma “doença misteriosa, caracterizada por uma grande perda de peso obtida a partir de uma dieta de fome auto-imposta” remontam a um período ainda mais antigo: a Idade Média. O rigoroso ideal ascético próprio dos primórdios do cristianismo, que visava à virtude e à anulação das necessidades do corpo – obtidas por meio de práticas de autodisciplina e autopunição encorajadas pela Igreja, como jejuns, abstinência sexual, privação de sono e autoflagelação – culminou em uma “verdadeira epidemia do comportamento anoréxico” nos séculos XIII e XIV, período em que tiveram maior expressividade as santas jejuadoras (Weinberg, 2010). De acordo com Weinberg (2010), figuram entre as religiosas conhecidas pela conduta anoréxica no período medieval Santa Clara de Assis (1193-1253), Santa Catarina de Siena (1347-1380), Santa Maria Magdalena de Pazzi (1566–1670), Santa Rosa de Lima (1586-1617) e Santa Veronica Giuliani (1660-1727).

Não obstante essas mulheres tivessem condutas anoréxicas, não se pode afirmar que tinham

anorexia – ao menos não da forma como contemporaneamente a concebemos. A despeito de suas similitudes, não cabe equivaler as práticas de privação alimentar das santas jejuadoras, que compreendem o que hoje se chama de “anorexia santa”, à anorexia contemporânea, posto que a última apenas se constitui na medida em que se constitui o próprio discurso médico-científico, séculos mais tarde. Além disso, Conde (2007) salienta que a motivação fundamentalmente religiosa da anorexia santa difere inteiramente dos motivos que impelem as anoréxicas hodiernas e que as duas formas da anorexia não compartilham, portanto, nem das mesmas motivações nem do mesmo fundo psicológico ou cultural. Quanto à primeira, autores como R. Bell (em Pimentel, 2012), que se debruçaram sobre suas particularidades, sustentam que, além da elevação espiritual a que aspiravam as religiosas da Idade Média, consagrando-se à vida ascética elas se retiravam do compromisso do casamento e de outros imperativos da sociedade patriarcal de então, assumindo desse modo o controle de seus corpos e os rumos de suas vidas.

Em “Holy Anorexia” (1985), obra traduzida em 1994 para o francês sob o título de “L’Anorexie sainte: Jeûne et mysticisme du Moyen Âge à nos jours” – “A anorexia santa, jejum e misticismo da Idade Média aos nossos dias” –, Bell elabora, segundo Bidaud (1998), uma abordagem analógica das duas séries de condutas anoréxicas separadas no tempo – a santa e a contemporânea – e salienta a dimensão reativa daquela às estruturas sociais medievais.

A anorexia santa era, na época de Clara de Assis ou na de Catarina de Siena, ao mesmo tempo santa e anoréxica: uma mulher podia assim afirmar sua própria personalidade, em reação ao mundo que tentava dominá-la. Entretanto, com a Reforma, a autonomia religiosa das mulheres foi pouco a pouco considerada como heresia ou obra do Diabo. (Bell em Bidaud, 1998, p. 120).

A anorexia santa declina, portanto, a partir das reformas religiosas do início do século XVI (Bidaud, 1998). A prática do jejum como expressão de devoção perde espaço na medida em que passa a ser desencorajada pela Igreja Católica e associada a manifestações de possessão demoníaca ou bruxaria, e em que se opera uma mudança no ideal de piedade feminina, com a valorização da benfeitoria (da caridade, do ensino e da ajuda) em detrimento da santidade (associada então à privação alimentar e à autoflagelação). Ao mesmo tempo, as restrições alimentares autoimpostas começam a ser assimiladas pelas ciências médicas emergentes como manifestações sintomáticas de um quadro clínico (Pimentel, 2012; Weinberg, 2010). Pimentel (2012) situa no século XVII, com o desenvolvimento da ciência, a passagem efetiva da leitura religiosa do jejum à sua investigação no interior do discurso científico.

A primeira descrição clínica da anorexia é atribuída ao médico inglês Richard Morton, que em “Tisiologia sobre a doença da consunção”, publicação de 1689, apresentou um quadro de definhamento progressivo, de origem nervosa, cujos sintomas principais eram perda do apetite, perda significativa de peso e amenorreia. Cem anos mais tarde – em 1789 –, na França, Naudeau descreveu uma doença nervosa caracterizada por uma notável repulsa por alimentos (Bidaud, 1998). As contribuições de Morton e de Naudeau foram de fundamental importância para o desenvolvimento dos estudos da anorexia, uma vez que enfatizaram a relevância de aspectos mentais na gênese dos sintomas observáveis da doença (Gaspar em Geraldo & Lange, 2016).

É Pinel, no início do século XIX, quem faz uma primeira reflexão acerca das práticas alimentares desde uma perspectiva sociocultural, concebendo-as no interior de um conjunto de regras, de rituais e de interdições particulares ao contexto de cada época (Bidaud, 1998). Em vista disso, conclui que cada sociedade e cultura produzem uma questão alimentar própria (Fuks & Campos, 2010). Em seus estudos, Pinel situou a anorexia no conjunto de doenças que designou como “neuroses das funções nutritivas” (Bidaud, 1998).

Na segunda metade do século XIX, o médico inglês William Gull cunha a terminologia “anorexia nervosa” para se referir a uma entidade psicopatológica autônoma definida pela abstenção alimentar, que passa, então, a compor o glossário psiquiátrico. De etimologia grega, o termo *anorexia* deriva da conjugação do prefixo *an-* – relativo à privação ou ausência – com o termo *-orexis*, que significa apetite. A anorexia *nervosa* de Gull pressupõe, portanto, uma causalidade psíquica para a recusa alimentar, e estabelece uma importante distinção diagnóstica entre esta e outras patologias que também acarretam perda de peso, como o câncer ou a tuberculose (Oliveira & Santos, 2018; Pimentel, 2012). Em publicação de 1874, o autor destaca, entre outros aspectos do quadro clínico, a típica aparição na adolescência, a predominância em pacientes do sexo feminino e os efeitos do esgotamento calórico sobre os sinais vitais das pacientes, como emagrecimento severo, depressão do pulso e da respiração, baixa temperatura corporal e suspensão da menstruação (Herscovici & Bay, 1997; Weinberg, 2010).

À mesma época de Gull, na França, o psiquiatra Charles Lasègue publica o artigo “Da anorexia histérica” (1873), em que parte da observação de oito casos clínicos de pacientes mulheres adultas jovens para empreender uma aprofundada descrição psicopatológica da anorexia, que estabelece no campo da histeria por se tratar, em sua compreensão, de uma “perversão da vontade”. Segundo Lasègue, essas pacientes referem sensações dolorosas que justificam sua recusa alimentar e compartilham a convicção de que a alimentação lhes é nociva. Ele observa que, no entanto, elas não têm desejo de cura e que se comprazem de sua condição, a despeito das restrições que esta lhes impõe.

É o primeiro, então, a reconhecer a dimensão de prazer ou de gozo da experiência anoréxica, que associa ao exercício do autocontrole e a uma forma de autoerotismo nutrido pelo aguçamento da fome. De acordo com Lasègue, a anoréxica é irredutível em sua atitude e “toda-poderosa na sua anorexia” (Bidaud, 1998, p. 17). Ele atenta ainda para a relação entre o meio familiar e o sintoma de suas pacientes:

Que não cause espanto ver-me, contrariamente a meus hábitos, pôr em paralelo o estado mórbido da histérica e as preocupações dos que a cercam. Esses dois termos são frequentemente solidários e teríamos uma noção errônea da doença se limitássemos o exame à doença. A partir do momento em que intervém um elemento moral, cuja existência aqui está fora de dúvida, o meio em que vive a doente exerce uma influência que seria igualmente lamentável omitir ou desconhecer. (Lasègue em Bidaud, 1998, p. 17).

Com relação ao tratamento, tanto Gull quanto Lasègue recomendavam que as pacientes fossem afastadas de seus ambientes domésticos e relações familiares e que não fossem consultadas sobre o que deveriam comer, mas que fossem forçadas a isso, de modo que não se compactuasse com sua “perversão da vontade” (Conde, 2007; Weinberg, 2010).

Na sequência de Lasègue, também o neurologista francês Jean-Martin Charcot identifica na anorexia um sintoma histérico e, como seus predecessores, lança mão do método de isolamento terapêutico para pacientes anoréxicas, reconhecido à época como único tratamento eficaz. Suas contribuições sobre o tema podem ser encontradas na palestra XVII, de 1885, intitulada "O isolamento no tratamento da histeria" (Pimentel, 2012). Conforme Bidaud (1998), na ausência de luzes teóricas, tal prática se sustentava por critérios puramente empíricos: a retomada do peso pela paciente. Mediante sua recuperação, a título de recompensa, o contato com os familiares podia ser restabelecido. Foi Charcot quem identificou pela primeira vez o temor de engordar (ou “ideia fixa de obesidade”) como elemento psicopatológico determinante da motivação anoréxica para o jejum – contribuição substancial para o estudo e diagnóstico da anorexia (Conde, 2007; Pimentel, 2012).

Tendo percorrido esse histórico, é cabível notar, como faz Weinberg (2010), que até o surgimento da psiquiatria dinâmica, no final do século XIX, interessavam à medicina sobretudo os aspectos físicos da anorexia, embora componentes mentais associados à doença começassem a atrair atenção. Foi no início da última década desse século que praticantes da psiquiatria dinâmica voltaram seu olhar (e sua escuta) para as histórias de vida de pacientes e seus esforços para a descoberta das causas emocionais – ou psicogênese – das doenças dos nervos. Entre eles, Sigmund Freud.

2. A anorexia na obra de Sigmund Freud

Freud manteve-se inicialmente alinhado a Lasègue e Charcot, tratando a anorexia como uma manifestação sintomática da histeria (Pimentel, 2012). Em “Um caso de cura pelo hipnotismo” (1893), ele descreve o caso de uma paciente que desenvolve quadros de anorexia após os nascimentos do primeiro, segundo e terceiro filhos. Nas três ocasiões, sua condição clínica e a conseqüente falta de leite provocam a interrupção da amamentação. Solicitado em cada uma das vezes, Freud lança mão de sessões de hipnose como tratamento, após as quais a mãe conseguia retomar o aleitamento dos filhos (Fernandes, 2016). Ainda sem dispor de uma interpretação psicanalítica, Freud classifica o caso como uma “histeria ocasional”, cuja sintomatologia atribui, como Lasègue, a uma “perversão da vontade”. Esse caso põe em evidência, no aparecimento dos sintomas anoréxicos, a problemática da relação mãe-bebê, de que se pode depreender a equação simbólica comer = amamentar (Bidaud, 1998).

No relato do caso de Emmy von N., publicado em 1895, referindo-se à anorexia histérica, Freud aproxima a privação alimentar de sua paciente de um sintoma conversivo. Sob efeito de hipnose, ela revelou a Freud cenas da infância referentes a refeições frias que fora forçada a comer, enjojada, para não ser castigada pela mãe, e à repugnância suscitada por ocasião de refeições que fora obrigada a fazer junto aos irmãos doentes. Sua anorexia aparece, portanto, referida a um trauma psíquico cuja lembrança recalçada retornava sob a forma de repulsa (e recusa) à comida (Bidaud, 1998; Fuks & Campos, 2010).

Nos Estudos sobre a Histeria (1893-1895), em coautoria com Breuer, Freud discorre sobre o quadro de anorexia de um menino de doze anos que apresenta dificuldades de deglutição, recusa alimentar e vômitos. Seus sintomas tiveram início após um episódio de assédio sexual sofrido em um mictório público onde um homem lhe mostrara o pênis, pedindo que o levasse à boca. Os autores apontam como fatores desencadeantes dessa anorexia “a disposição nervosa inata, o pavor, a irrupção da sexualidade em sua forma mais brutal na alma infantil e, como fator determinante, a ideia de asco” (p. 166). A doença do paciente persistiu enquanto o referido episódio fora mantido em segredo – o que impedia a descarga natural da excitação sexual – e cedeu quando ele pôde falar sobre o ocorrido.

No “Manuscrito G”, ainda de 1895, Freud traça paralelos entre a anorexia e a melancolia, comparando-as em termos de perdas no domínio da vida pulsional. Ele compreende, então, a “anorexia nervosa de moças jovens como uma melancolia em que a sexualidade não se desenvolveu”, e propõe, assim, a equação: “perda de apetite: em termos sexuais, perda de libido” (Fuks & Campos, 2010).

Na sequência da obra freudiana, a anorexia é revista como um sintoma histérico de conversão, resultado do recalque que incide sobre o erotismo oral (Fuks & Campos, 2010). Em carta datada de

fevereiro de 1899, Freud (em Fernandes, 2016) dirige a Fliess a seguinte questão:

Sabe você, por exemplo, por que uma certa X sofre de vômitos histéricos? É porque, na imaginação, ela está grávida. Insaciável, ela não pode, com efeito, abrir mão de portar em si o filho de um último amante imaginário. Mas também vomita porque, de certa forma, passa fome, emagrece, perde sua beleza e não mais poderá agradar. É assim que o sintoma representa a realização de dois desejos contraditórios.

Fernandes (2016) assinala a atualidade da incompatibilidade apontada por Freud entre a dimensão insaciável da sexualidade e a rejeição que ela acarreta, bem como da sua relevância para o trabalho clínico. Apesar das vicissitudes da contemporaneidade, a sexualidade – especialmente no tumulto provocado pela puberdade e pela entrada na adolescência – segue produzindo enigmas e sintomas. Para Fuks e Campos (2010), a leitura dessa correspondência freudiana permite, também, entrever a forte relação da anorexia com o real do sexo e com a beleza enquanto forma de velar a castração feminina.

Também no caso Dora – em que a anorexia se apresenta, contudo, como um sintoma secundário – Freud observa que a repulsa pelos alimentos “corresponde a um sintoma de recalçamento da zona labial”, mais precisamente ao recalçamento de uma fantasia de felação da paciente (Bidaud, 1998). Anos mais tarde, em o “Homem dos lobos” (1918), Freud faz uma última referência à anorexia em sua obra, situando-a como uma modalidade de neurose feminina a ser examinada em conexão com a fase oral da vida sexual (Fuks & Campos, 2010).

Fernandes (2016) observa que, embora Freud pareça compreender, até aí, os sintomas da anorexia desde a lógica da histeria, na medida em que faz incidir o recalçamento sobre o erotismo oral, ele a estabelece em um estágio de organização pré-genital da libido. A autora sustenta que, na evolução do pensamento freudiano, a busca da etiologia da histeria vai privilegiando cada vez mais fases mais precoces do desenvolvimento, em que desempenham um papel fundamental as relações objetais primárias e os impasses referentes à oralidade. Sucede, então, um descentramento do paradigma da fase fálica, do Édipo e da triangulação, que encontra expressão nos textos mais tardios de Freud sobre a feminilidade e a sexualidade feminina, em direção à importância da relação pré-edípica da menina com a mãe.

Desde Freud, portanto, a problemática da anorexia não está referida à alimentação em sua materialidade concreta, mas às dimensões fantasmáticas que esta suscita e às múltiplas significações a que remete – significações que, para a psicanálise, engajam necessariamente o corpo e o outro

(Fernandes, 2016).

3. A anorexia entre o sujeito e o Outro: Contribuições de Jacques Lacan

3.1 Sujeito

As contribuições do pensamento de Jacques Lacan para a compreensão da anorexia – que ele nomeia “mental” – passam igualmente pela relação com o outro e, ainda, com o Outro. Esse “grande Outro”, que Lacan escreve em letra maiúscula e apresenta no Seminário 2 (1954-1955/1985), da linguagem e do simbólico, é constitutivo para o sujeito. O sujeito do inconsciente, de que se ocupa a psicanálise, em verdade, só é possível à medida que se insere em uma ordem social e significativa que preexiste à sua chegada ou, em outras palavras, que ocupa um lugar no discurso do Outro (Ferreira-Lemos, 2011; Torezan e Aguiar, 2011).

O inconsciente como discurso do Outro, segundo Quinet (2012), é o lugar psíquico de onde vêm as determinações simbólicas do sujeito, arquivo dos ditos de todos os outros que foram importantes na sua infância e mesmo antes do seu nascimento, lugar dos significantes que o marcam em sua história (e pré-história), em seu desejo e seus ideais – significantes que sustentam suas fantasias inconscientes e imaginárias.

Para todo ser humano, o Outro é o tesouro dos significantes e, como tal, é prévio ao sujeito, é anterior ao nascimento. Antes de vir ao mundo já lhe dão um nome, um sexo, um time de futebol, uma profissão; ele já nasce em uma determinada classe social com seus valores e preconceitos e num país com sua cultura e sua língua – tudo isto constituirá o Outro para ele. (Quinet, 2012).

Do mesmo modo, para todo ser humano, o lugar do Outro é inicialmente ocupado por um Outro primordial – geralmente, mas não necessariamente, a mãe – a quem está referida a função materna. Tal função, de acordo com Miranda Junior (2020), concerne a quem oferece ao bebê os primeiros cuidados e o suporte para a constituição do seu desejo, de sua posição de sujeito. É a mãe como função que institui, na lógica do significante, o processo de endereçamento, de nomeação e interpretação, isto é, que dá ao *infans* acesso à língua e à linguagem. Reportando-se à noção matemática de função, $F(x)$, que define como "uma articulação na qual os elementos podem variar", o autor sustenta que a mãe, enquanto função, pode ser encarnada por qualquer (e não necessariamente por uma única) pessoa. O essencial para o exercício da função é, justamente, o desejo de exercê-la – a isto, no Seminário 5

(1957-1958/1999), Lacan chamou “Desejo da Mãe”³.

Desde as primeiras experiências de satisfação é a mãe, como Outro primordial, quem oferece uma interpretação ao grito do bebê, garantindo-lhe o status de demanda e, ainda, demandando que ele aceite o sentido dado por ela – sentido esse que ela fornece no nível do desejo: “Chora porque me quer por perto”, por exemplo. Desse modo, a demanda que é atribuída à criança, quando significada pela mãe, retorna àquela trazendo traços do desejo materno (Pena, 2014; Silva, 2019). Devendo conquistar a presença e o amor da mãe em razão de sua própria demanda, a criança se oferece inicialmente para realizar o que os ditos e comportamentos desta deixam entrever quanto ao objeto do seu desejo (Teperman et al., 2022). É ao desejo da mãe, portanto, que o sujeito se aliena (e do qual depende) no primeiro momento de sua constituição psíquica. A operação consecutiva, de separação, consiste na tentativa deste de “desalienar-se” e tornar-se sujeito do próprio desejo (Pereira et al., 2019).

3.2 Sintoma

Para avançar deste ponto em direção à problemática da anorexia em Lacan é preciso antes percorrer mais detidamente a distinção conceitual que o autor faz entre necessidade, demanda e desejo. A necessidade visa o objeto e se satisfaz com ele e, segundo Bidaud (1998), pode ser resumida muito simplesmente: “é preciso comer para viver”. No entanto, porque somos seres de linguagem, jamais encontramos a necessidade em estado puro, mas sempre intermediada pelo sistema significante que a exprime, isto é, através da demanda. Em Lacan (1957-1958/1999, p. 91), a demanda é “aquilo que, a partir de uma necessidade, passa por meio do significante dirigido ao Outro”. Diferentemente da necessidade, a demanda, em sua essência, não se resolve no objeto que visa nem se detém nele. Bidaud esclarece:

Ela é, fundamentalmente, recurso ao outro, apelo, pelo qual o ser que ela visa irá se revelar na sua capacidade de amor: “A demanda é demanda de uma presença ou de uma ausência. Ela é antes de tudo demanda de amor”. (1998, p. 21).

A demanda se organiza, portanto, pelo jogo de presença-ausência da mãe. Silva (2019) depreende disso que é preciso que esse objeto – mãe – falte em algum momento para que o sujeito possa demandar. Mediante a demanda de alimento, conforme Bidaud (1998), a mãe é solicitada não somente para a satisfação de uma necessidade, mas para a própria concessão da necessidade – para o

³ Dito isso, na sequência deste escrito opto por me referir à(o) agente dessa função como “mãe”, apenas. Esclareço, porém, que aqui, como em Miranda Junior (2020), “mãe” está se referindo “à Função Materna, ao Outro primordial, ao Outro da demanda que produz a inserção do corpo em um discurso, bem como na linguagem”.

reconhecimento de seu filho como sujeito (desejante). Logo, embora suceda a alienação da necessidade na demanda, esta não esgota a primeira, não a substitui por completo. É da impraticabilidade da justaposição de demanda e necessidade que surge, como resto dessa operação, o desejo (Silva, 2019).

O desejo é a margem, o resultado da subtração, por assim dizer, da exigência da necessidade em relação à demanda de amor. Inversamente, o desejo apresenta-se como aquilo que, na demanda de amor, é rebelde a qualquer redução a uma necessidade, porque, na realidade, não satisfaz a nada senão ele mesmo, ou seja, ao desejo como condição absoluta. (Lacan, 1957-1958/1999, p. 395).

Esse desejo, que anima o sujeito do inconsciente, segundo Ribeiro (2011), provém da falha, da impossibilidade de que o Outro o entenda totalmente e atenda plenamente sua demanda (de amor), que é inesgotável e, por isso mesmo, impossível de ser atendida. A essa falha inevitável e intransponível entre sujeito e Outro, a psicanálise chama castração.

Nenhuma satisfação obtida por meio de um objeto da realidade é capaz de extinguir o desejo, de suprimir a falta-a-ser – consequência da castração – que é constitutiva do sujeito enquanto tal. Em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958/1998, p. 633), Lacan argumenta que frente a essa falta-a-ser do sujeito, o que é dado ao Outro preencher – e que é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser falta – é aquilo a que se chama amor. Conforme Silva (2019), é isso que está por trás de toda a demanda, mascarado no pedido da satisfação de uma necessidade. É disso, também, que o sujeito fica mais propriamente privado quanto mais a necessidade articulada na demanda é satisfeita. Mesmo o desejo da criança, para Lacan, nunca está ligado à pura e simples satisfação natural. Segundo o autor, quando o Outro a quem cabe reconhecer as necessidades da criança,

no lugar daquilo que ele não tem, empanturra-a com a papinha sufocante daquilo que ele tem, ou seja, confunde seus cuidados com o dom de seu amor. [...] É a criança alimentada com mais amor que recusa o alimento e usa sua recusa como um desejo (anorexia mental). (1958/1998, p. 634).

Lacan evidencia, assim, a diferença entre a demanda do alimento, o que o outro tem, objeto da necessidade, e a demanda de amor, orientada em direção à falta que há no Outro. Situa, então, o drama da anorexia mental na história do desejo do sujeito e da sua relação com o Outro, onde está inscrita sua alienação (Bidaud, 1998; Fuks & Pollo, 2010).

Pena (2014) argumenta que é possível que na anorexia o sujeito se depare com um Outro materno sempre disposto a atender suas necessidades, garantindo que nada lhe falte. Respondendo às demandas como necessidades, portanto, o Outro apresenta-se sem deixar margem para que o lugar da

falta possa ser criado e, conseqüentemente, para que o desejo possa advir (Fuks & Campos, 2010). Taperman et al. (2022) atentam para o fato de que, nesse caso, não é a falta de amor, mas o excesso, que pode ser prejudicial ao sujeito e que clama por um efeito de separação necessário. É à função paterna que compete essa operação; é ela que interdita a criança de ser ou ter o objeto do desejo materno e a mãe de tomar a criança como aquilo que lhe falta (Silveira, 2003).

É somente pela constatação de que ao Outro algo falta – de que este está igualmente sob o efeito dos significantes, ou seja, de que também está sob a castração – que o sujeito pode encontrar a estrutura constitutiva de seu desejo (Pena, 2014). Se isso não acontece, “o sujeito não tem outra via senão recusar a comida pela qual sua necessidade foi tão plenamente satisfeita e sua demanda tão perfeitamente sufocada” (Bidaud, 1998, p. 21). A recusa do objeto oral surge, então, como uma estratégia a que o sujeito recorre para imputar ao Outro uma falta e reivindicar para si uma via de acesso ao desejo.

3.3 Objeto *nada*

Lacan (1956-1957/1995, p. 188) sustenta que “a anorexia mental não é um *não comer*, mas um *comer nada*” (grifos do autor). “Comer nada”, no entanto, não implica uma negação da atividade – pelo contrário. Para o sujeito, se trata de tomar o *nada* (no plano simbólico) como objeto separador do Outro – como uma ausência, portanto, onde antes só havia presença absoluta – e, ativamente, saboreá-lo. Em torno do objeto *nada* se opera uma inversão de posições na relação de onipotência e dependência em que se encontram sujeito e Outro. A anorexia aparece então como uma solução sintomática e via de passagem da passividade à atividade. Se antes havia, conforme Lacan, uma “mãe toda-poderosa” (1956-1957/1995, p. 189) que a submetia, a anoréxica passa, nesse ponto, a ser ela mesma “toda-poderosa na sua anorexia”, como já havia observado Lasègue no século XIX.

Enquanto esse *nada* aponta para o desejo, Recalcati (2008, pp. 26-27) observa que há um segundo *nada* na anorexia que, por sua vez, é da ordem do gozo. Neste caso, “em primeiro plano não está o desejo de *nada*, mas a redução do desejo a *nada*”. Este *nada* contém o caráter mortífero das manifestações de dimensão psicótica na anorexia – ainda que estas não necessariamente estejam referidas a estruturas psicóticas –, e os casos graves, em que o sujeito não mais lança mão do sintoma em resposta ao Outro, mas como rechaço absoluto ao Outro. Trata-se de um gozo “autotrófico, assexuado, sem relação com o falo e a castração”, pelo qual o sujeito simultaneamente exclui o Outro e aniquila – *nadifica* – a si mesmo.

Importa lembrar que, segundo Herrero (1999), todo sintoma articulado no discurso da época comporta um aspecto significante (em relação à palavra e ao desejo) e um aspecto pulsional (em relação à parte muda do gozo). Dessa forma, o sintoma, em geral, a anorexia, em particular – e, acrescento, o *nada* – dizem da posição de um sujeito em relação ao desejo e ao gozo.

Recalcati (2008) propõe que aos dois *nadas* apresentados correspondem, na prática, duas clínicas diferentes. Enquanto o primeiro *nada* estaria no registro da “clínica clássica da neurose” – do desejo inconsciente – logo, da “clínica da *falta*”, o segundo *nada* concerneria ao que ele nomeia “clínica do *vazio*” e que associa à contemporaneidade. O autor inclui nesta categoria o que chama de “novos sintomas”, a saber, anorexia, bulimia, toxicomania, pânico, depressão e alcoolismo – sintomas que, em sua leitura, são irreduzíveis à clínica do sujeito dividido inaugurada por Freud. A recusa do sujeito, no último caso, ou o uso que ele faz do *nada*, diz respeito a “um modo de gozo específico, marcado por um ‘fechamento em relação ao Outro e uma satisfação independente, nirvânica e autodestrutiva, quase toxicomaniaca’” (Cardoso, 2010). Nesse ponto, identificada ao nada, segundo Herrero (1999), a anoréxica leva ao limite a pulsão de morte freudiana:

É este o ponto de dificuldade e de risco na anorexia: que essa recusa, que em princípio serve à sustentação do desejo, possa, por sua ligação com a pulsão, levar a tentar sustentar seu ser de vazio até suas últimas consequências. E, nesse ponto, a anorexia acaba se tornando um nada literal. (p. 43, tradução nossa).

A despeito das diferenças entre uma e outra clínica caracterizadas por Recalcati, do lado da falta ou do vazio, importa notar que a psicanálise permanece atenta ao sujeito e às (re)voltas da sua relação com o Outro e com o corpo.

3.4 Espelho, corpo e imagem

Tanto quanto o sujeito, o eu e o corpo estão presentes na obra de Jacques Lacan desde os seus primeiros trabalhos psicanalíticos. Suas elaborações acerca do registro do Imaginário e do esquema conceitual do estágio do espelho atestam a importância da imagem do corpo para a formação do eu em seu pensamento (Cukiert & Prizskulnik, 2002).

Nas palavras de Lacan (1949/1998),

O estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a

armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (p. 100).

Como etapa do desenvolvimento e como metáfora⁴, o estádio do espelho corresponde ao momento em que a criança se identifica (e se encanta) com a própria imagem refletida no espelho. Nesse momento, a imagem especular antecipa uma situação de domínio – que a criança ainda não tem – do próprio corpo e lhe confere uma forma unificada, ou melhor, unificadora, na medida em que é “mais constituinte do que constituída”. Um corpo antes experimentado como despedaçado adquire, desse modo, um contorno totalizante, ortopédico, com efeito formador sobre o organismo e o sujeito, que rearranja sua relação com a realidade desde um “eu”.

Para que o estádio do espelho possa operar se faz necessário um olhar que testemunhe e ateste o reconhecimento dessa imagem especular, um outro que diga ao sujeito “é você este no espelho” (Cukiert & Prizskulnik, 2002; Ferreira-Lemos, 2011). É nesta medida que o estádio do espelho é uma metáfora: o espelho vem substituir aquilo que realmente importa nesse processo – o olhar de reconhecimento para o qual a criança apela como testemunha (Nakashima, 2016). É essa composição simbólico-imaginária – a imagem especular, mediada pelo discurso e pelo desejo do Outro – que a criança identifica, no espelho, como seu eu (ideal). O eu é assim recoberto por imagens ideais e, certamente, terá outras imagens agregadas no decorrer da sua existência (Ferreira-Lemos, 2011).

Na realidade, é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens (por exemplo, imagens fotográficas), uma vez que é essencialmente devido à reação dos pais a tais imagens que elas se tornam carregadas de interesse ou valor libidinal aos olhos das crianças. (Fink, em Ferreira-Lemos, 2011, p. 92).

Ao mesmo tempo em que remete a uma significação totalizante, essa imagem especular – produto do Imaginário e do Simbólico – deixa um resto. Há algo no corpo que não se conforma à imagem formada no espelho, que escapa e resiste à representação, algo (do corpo) Real, da pulsão. Esse corpo, em sua dimensão real e sede do gozo, precisará ser reiteradamente apropriado pelo psiquismo do sujeito ao longo da vida (Souza & Kosovski, 2018).

⁴ Não é necessário que uma criança posicione-se em frente a um espelho factual para que atravesse o estádio do espelho; o que importa é a operação de identificação da criança com a imagem unificante em questão, seja ela especular (refletida em um espelho) ou não (Nakashima, 2016, p. 110).

4. Às voltas com o espelho: a adolescência

Podemos pensar, conforme Giongo (2016), que somos “metamorfoses ambulantes” em termos pulsionais, posto que nossa relação com o Outro sempre nos leva a ter que “refazer as bordas”. Na adolescência, contudo, à medida que se perde a representação infantil, a premência de construir outra representação – agora sexuada – traz à tona a necessidade de separação do Outro de forma mais radical. Para essa autora, adolescência é uma operação psíquica estruturante cujo eixo central é, justamente, o trabalho de separação eu/Outro.

Para a psicanálise, a adolescência diz respeito a um tempo (lógico) que implica uma reedição dos processos constitutivos do sujeito, que passa pela emergência do real (do sexo) e pela reconstituição dos referenciais imaginários e simbólicos e dos laços sociais. Nesse ponto, a imagem ideal, herdada do estádio do espelho, é esburacada pela irrupção do sexual, não especularizável, e a imagem que agora o espelho reflete convoca o sujeito a um trabalho psíquico de ressignificar e habitar este novo corpo, de constituir uma nova imagem de si com a qual se identificar e de encontrar novas formas de se representar no mundo (Giongo, 2016).

Segundo Pedó (2016), também passa por uma reedição nesse momento a angústia relativa à divisão inaugural do sujeito, quando o trauma de estar no mundo com um corpo implica na separação da criança de sua mãe, e à necessária perda da imagem ideal sem falhas, que funda o sujeito em falta:

É esse primeiro desamparo [...] reeditado nos tempos de passagem, a partir da ameaça projetada do real do sexo que provoca a vacilação da imagem de si. Uma imagem que já não se sustenta mais na ilusão anterior, infantil, e aparece refletida como essa que impacta porque diferente, outra, mutilada/castrada/sexuada, desvelando no desconforto imediato o sem saída da castração. (p. 56).

No inevitável processo de reconstrução da imagem de si suscitado pela passagem adolescente, a questão do olhar – especialmente do olhar do Outro da cultura, objeto privilegiado da pulsão escópica – tem relevância fundamental. O adolescente demanda o olhar de um (“novo”) Outro que lhe confira o reconhecimento de sua condição sexuada, que confirme sua nova imagem corporal como desejável e desejante (Gomes et al., 2021; Lima & Santiago, 2009).

Se o “dar-se a ver” ao Outro é estruturante na adolescência, a presença inescapável do olhar do Outro sobre o corpo em transformação também é motivo de angústia para o sujeito. Frente ao desconforto com a subjetividade à mercê da imagem, uma defesa possível é a devolução ao Outro de uma imagem impactante que, num misto de fascínio e repulsa, possa fazer parar o olhar intrusivo sobre o corpo sexuado (Pedó, 2016). A anorexia aparece aí como solução sintomática viável para o sujeito,

tanto como expressão de recusa do corpo em sua face sexuada quanto como recurso para dar a ver ao Outro um corpo descarnado que, ao mesmo tempo, captura e repele o olhar. Valendo-se da própria imagem, a anoréxica solicita o olhar do Outro da cultura e lhe causa horror ao colocar em questão o seu ideal de perfeição (Pena & Marcos, 2021).

Para além das passagens do corpo infantil ao sexuada e do laço familiar ao social, a passagem adolescente é, portanto, uma passagem para a constituição do sintoma,

aquele que o sujeito vai tentar inscrever na ordem simbólica, uma certa condição de inscrição na ordem simbólica, num discurso. [...] É uma forma de – por um lado – tentar se situar em relação à cadeia significativa, na relação a algo que dirige em cada tempo a posição sexuada. Por outro lado, também inscrever sua fantasia nessa relação com o discurso. Então, todas as passagens do sujeito vão ter relação com o que dirige o discurso dominante no laço social. (Costa, 2016, p. 132).

Nesse sentido, os adolescentes do século XXI – além de confrontados com todas as mudanças biológicas e psicológicas inerentes ao processo do adolecer – devem se haver com uma gama de exigências próprias a um modelo de sociedade que superinveste o corpo e a imagem e que se orienta por ideais de beleza e perfeição inatingíveis (Refosco & Macedo, 2010). Mais do que isso: os adolescentes contemporâneos pertencem à primeira geração do que se pode chamar de "nativos digitais". Enquanto gerações passadas são classificadas como "imigrantes digitais" – inseridas no meio digital no decurso do seu desenvolvimento –, os "nativos" já nasceram imersos em um mundo regido pela lógica da virtualidade (Pereira et al., 2019). Isso coloca novos interrogantes sobre a constituição do sujeito e a relação com o Outro no eixo de nosso tempo.

5. O Outro contemporâneo

São muitas as denominações atribuídas à época e à cultura em que vivemos – modernidade tardia, pós-modernidade e hipermodernidade, por exemplo, são termos bastante difundidos, embora ainda imprecisos. Com vistas a destacar a dimensão do olhar na atualidade, Quinet (2020) propôs a designação “sociedade escópica”. Embora não haja consenso acerca do nome do Outro hoje, há um corpo teórico extenso e consistente no que tange às suas características. Entre elas destacam-se, por exemplo, o imperativo do imediatismo, do consumo e do gozo à qualquer custo, a fluidez incessante de enunciados, discursos e práticas identitárias, a incitação à autofundação e à individualização, a ausência de referências simbólicas estáveis para a constituição subjetiva associada à oferta de modelos

identificatórios imaginários irrealis e inalcançáveis, a imposição de ideais de perfeição e completude, a fragmentação do laço social e a superficialidade dos vínculos (Fuks & Campos, 2010; Pereira et al., 2019; Pinheiro, 2016; Refosco & Macedo, 2010).

A tudo isso soma-se o notável estreitamento das nossas relações com a tecnologia e, sobretudo, com as telas. Por isso a ascensão do espaço virtual como lugar de existência e a popularização dos *smartphones* e das mídias sociais, bem como a inflação de imagens sem precedentes que esses avanços tecnológicos implicaram, são elementos indispensáveis a uma análise da cultura contemporânea (Pereira, 2019; Vellei, 2021).

5.1 Virtualidade: corpo, imagem e corpo-imagem

Se para Laraia (1986) a cultura é como uma lente através da qual o sujeito vê o mundo, pode-se especular que, para o sujeito – e sobretudo para o adolescente – contemporâneo, a lente em voga é a tela que deixa ver o mundo virtual, proporcionando o encontro com o Outro nesse registro. As telas digitais e as redes sociais, que hoje circunscvem o campo da virtualidade, se prestam não só à inscrição e ao compartilhamento de imagens, mas de desejos e de discursos (Gomes et al., 2021; Liberman, 2020).

Mattuella (2022) salienta que desde sempre estamos subjetivados pelo discurso social – discurso que se apresenta por palavras, mas também por imagens de satisfação que nos surgem como promessa e como demanda. Cada vez mais, aliás, por imagens; logo, cada vez mais pelo olhar. Por esse motivo, o autor elege “parecer” como verbo privilegiado do modo de subjetivação atual, o que vai ao encontro de uma passagem que já há algum tempo se observa no campo social: da performatividade da palavra para a performance da imagem, da primazia do Simbólico para a do Imaginário.

Ainda em finais da década de 1960, Guy Debord (1967/1997) descreveu o que chamou de “sociedade do espetáculo”: a sociedade capitalista de sua época – não tão distante nem tão distinta da nossa – marcada pela onipresença dos veículos de comunicação de massa, pelo estímulo incessante ao consumo e pela valorização (e apelo) da imagem e da aparência. Uma sociedade que inaugurou, portanto, o deslocamento da importância do “ser” para o “ter” ou, como observa Mattuella muitas décadas mais tarde, para o “parecer”.

O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens. [...] É a afirmação da aparência e a afirmação de toda a vida humana, isto é, social, como simples aparência. [...] O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão

que “o que aparece é bom, o que é bom aparece”. (Debord, 1967/1997).

Em 1994, Contardo Calligaris atentava para o avanço desse fenômeno:

Vivemos em um mundo onde talvez a subjetividade só encontre consistência pelas imagens que o repertório midiático nos propõe como amáveis (não tanto por nós, mas pelos outros). A cada esquina nos deparamos com espelhos invertidos que não nos refletem: são imagens pintadas que nos delegam paradoxalmente a tarefa de refleti-las. Neste universo narcísico [...] os espelhos somos nós. (p. 14).

Na esteira das elaborações de Debord e de Lasch sobre a “sociedade do espetáculo” e a “cultura do narcisismo”, respectivamente, Birman (2001) sustenta a centralidade da imagem para as novas formas de subjetivação e de relação forjadas na contemporaneidade. Segundo o autor, enquanto a subjetividade moderna tinha seus eixos constitutivos nas noções de interioridade e de autorreflexão, a subjetividade contemporânea conjuga paradoxalmente autocentramento e exterioridade. Nesse contexto, o olhar do outro no campo social e midiático passa a ocupar uma posição estratégica na economia psíquica do sujeito.

Em sua teorização sobre o estatuto da imagem na contemporaneidade, Jean Baudrillard (como citado em Braga, 2008) atesta que o processo de criação de uma imagem passa por retirar do objeto todas as suas dimensões: peso, relevo, perfume, profundidade, tempo e, sobretudo, sentido, e que é justamente nessa “desincorporação” – que a torna “objetividade pura” – que reside o fascínio da imagem digital. Trata-se nesse processo, portanto, de se tirar de cena a subjetividade. No entanto, ao mesmo tempo em que está referida à dimensão ideal da imagem, essa subjetividade – talvez exatamente por uma reduzida capacidade representacional do sujeito frente à configuração do laço social contemporâneo – ancora-se cada vez mais em um corpo concreto, físico (Pereira et al., 2019).

Assim, o corpo toma a frente da cena, constituindo-se como fonte de sofrimento e de insatisfação, *locus* das preocupações de um sujeito orientado pelo imperativo de uma imagem corporal ideal – seja em sua forma, segundo os padrões de beleza, seja em sua fisiologia, segundo os paradigmas da saúde (Fernandes, 2011; Fortes et al., 2018). Para além (e aquém) dessa exigência, atravessado pelas lógicas do individualismo e do consumo, tem-se o discurso de que o corpo é infinitamente maleável e de que qualquer pessoa pode alcançar sua forma ideal, desde que siga à risca prescrições de exercícios e de dietas, de cosméticos e/ou de procedimentos estéticos. Tanto investimento aponta, outra vez, para o que está privilegiadamente no centro da questão quando se trata de corpo: sua aparência (Goulart, 2003). À vista disso, a beleza (tanto quanto a saúde) passa a ser vendida – literalmente – como possibilidade para todos. Aos imperativos de beleza e de saúde soma-se então, um terceiro: o do lucro.

O sujeito é, então, induzido a uma dupla prática do seu próprio corpo: deve tratá-lo como capital e como fetiche. Em ambos os casos, ele deve investir no corpo, no duplo sentido do termo investimento, tanto no sentido econômico, quanto em sua acepção psíquica. De modo que ele se torna uma espécie de duplo ameaçador. Deve ser o objeto mais liso e reluzente, na lógica fetichista; deve produzir lucro, na lógica capitalista. (Pollo, 2011, par. 13).

Nos meios digitais, pode-se pensar nos *influencers* como modelos por excelência dessa racionalidade. Os influenciadores são hoje, talvez, os formadores de opinião de maior peso na sociedade – a depender, é claro, do capital social e simbólico (do número de visualizações, *likes* e/ou seguidores, do corpo e da aparência) de cada um. O virtual desponta assim como plataforma ideal para o culto ao corpo, à imagem – e, mais ainda, à imagem do corpo –, alçando a um novo patamar o especular e o espetacular.

O espetáculo avançou da mídia e do mercado para o corpo. Todo mundo tendo que se produzir. Todo mundo tendo que virar imagem. “Perdemos o corpo”, aponta Dietmar Kamper (1998). O corpo, “mídia primária”, como o pensa Harry Pross (1971), está sendo engolido pela imagem do corpo. E as mídias digitais, não esquecidas jamais as suas virtudes, possuem essa virtualidade enorme de nos fazer preferir a imagem do corpo ao próprio corpo. (Künsch & Passos, 2016, pp. 39-40).

Vivemos, então, o que Pollo (2011) chama de “ditadura da imagem”, que é, na verdade, a ditadura da imagem do corpo, ou melhor, a ditadura do gozo – mais ou menos nocivo – com a imagem do corpo. Künsch e Passos (2016) observam que as ferramentas digitais de edição de imagens, à semelhança de “bisturis de *software*”, utilizadas para retocar e/ou corrigir defeitos em fotografias compartilhadas na rede, hoje proporcionam ao corpo tudo aquilo que a natureza costuma recusar e que mesmo as práticas “neoascéticas” – cirurgias plásticas, dietas, tratamentos estéticos, musculação – não conseguem produzir. Nesse cenário de “ego editável”, conforme designação de Pinheiro (2016), é como se o corpo fosse submetido a uma engrenagem cultural de um Outro que o objetificaria, apagando nessa operação qualquer dissonância ou hiato entre a materialidade precária da corporeidade e a fantasmática das imagens perfeitas, desprovidas de furos.

O corpo “real”, “perdido”, cede espaço (e outras dimensões) ao corpo virtual, cujas particularidades, assinaladas por Perez e Jacobsohn (2016) são elencadas a seguir. A primeira delas é a assepsia: via de regra, o corpo virtual é belo, livre de sujeiras, secreções ou fluidos – livre, portanto, de sua face real. Em segundo lugar, esse corpo admite uma continuidade de ser no tempo e no espaço

(virtual): livre dos limites geográficos e de outras limitações da realidade, ele nunca se desliga, por isso não está sujeito a angústias de separação de nenhuma ordem. Trata-se ainda de um corpo a-histórico – livre, também, do simbólico – na medida em que a identidade virtual pode começar de qualquer ponto, rompendo com relações de hierarquia, de simetria ou de dependência. É também o corpo da demanda imediata, que encontra na rede soluções rápidas e mágicas para a insatisfação e dispensa, assim, o trabalho psíquico de tolerar falhas, lacunas, espera ou frustração. Além disso, esse controle onipotente do corpo próprio se estende ao outro, que, na condição de eterno conhecido, perde sua dimensão de alteridade. Por fim, é um corpo delineado por fronteiras imprecisas, em que confundem-se mundo interno e externo, real e virtual, dentro e fora.

A virtualidade serve, assim, aos propósitos da procura e da produção de um corpo que é pura-imagem, liberto da ordem simbólica que lhe antecede e da desordem real que lhe é inerente. No horizonte digital, porém, “a suposta totalização produzida pela imagem seria ficcionada não com o horror da objetificação pelo Outro primordial, mas como totalização autofundada, livre de quaisquer heranças, posto que escolhida no vocabulário da *vontade* e da manipulação do sujeito” (Pinheiro, 2016).

Esses corpos irreais, de imagens produzidas e editadas, passam a objetos de desejo a serem reproduzidos na própria carne (Trinca, 2008), ou ainda – como na anorexia – até os ossos. O ideal tirânico e o projeto de domínio do corpo pulsional através da imagem convertem a anoréxica em uma serva do impossível (Fuks & Campos, 2010).

Tal como ocorre na realidade virtual, a anoréxica tenta extrair do corpo o excesso próprio da carne, rechaçando o corpo em sua dimensão real, ali onde podemos colocá-lo, nos termos de J.-A. Miller, como substância gozante, como carne. [...] A contrapartida dessa ambição anoréxica é o retorno do excesso rechaçado através da deformação da imagem especular, essa insistência em se ver gorda. (Soria, 2001, pp. 38-39).

Também Perez e Jacobsohn (2016) atentam para os aspectos em que se assemelham o corpo virtual e a dinâmica psíquica de pacientes com transtornos alimentares: as problemáticas da delimitação dentro-fora, da separação e do crescimento, o ideal ascético – de anulação do corpo pulsional e sexuado – e o controle onipotente, que pode “ganhar corpo” no espaço virtual justamente porque ali “perde-se o corpo real, material, imperfeito e falho”. Dito isso, pode-se pensar no campo da virtualidade como um facilitador para o projeto anoréxico de controle sobre si e de assunção de um desejo e de uma identidade próprios. Daí o sucesso de longa data do movimento pró-anorexia online, sobretudo entre

adolescentes.

5.2 Anorexia, rede e laço social

A internet viu surgirem e se multiplicarem desde os primeiros anos da década de 2000 as comunidades pró-anorexia ou “pró-ana”. Constituídas pela identificação comum a um modo de satisfação pulsional, elas produzem um saber operacional que reforça e potencializa o imperativo do emagrecimento e o ideal anoréxico mascarado de “estilo de vida”. Mais do que ecos de comportamentos e de ideias, esses grupos criam uma espécie de “miragem social”, promovendo um sentimento de apoio mútuo e oferecendo um espaço de reconhecimento e de pertença e um senso de identidade que o sujeito anoréxico não consegue encontrar *offline* (Fava & Peres, 2011; Perez & Jacobsohn, 2016; Val, 2015).

Acerca do narcisismo adolescente, Giongo (2004) elabora que é um narcisismo que oscila entre a afirmação de uma singularidade e o desejo de ser reconhecido como um igual – entre alienação e separação, portanto. A autora observa que “frente à fragmentação em torno da própria imagem, o adolescente reconstitui coletivamente um corpo sem falhas, referido e sustentado pelo olhar do grupo; “é” no grupo” (2004, p. 93). Assim, sustentar e exibir uma aparência esquelética aos olhos dos outros e se dizer anoréxico é também uma forma de se posicionar subjetivamente, de se fazer existir (Goulart, 2003). Paradoxalmente, na busca por se diferenciarem, a partir da imagem ideal compartilhada, as anoréxicas tornam-se todas iguais. Se o que permite o surgimento do sujeito é a falta (no discurso do Outro), como nos lembra Giongo (2004), pode-se inferir que nos grupos organizados em torno de um discurso “totalitário” – como é o da “ana” –, é o polo da alienação o que pesa mais.

Passadas duas décadas da emergência desse movimento virtual, as comunidades pró-ana resistem. No entanto, os seus conteúdos, que há algum tempo eram circunscritos a (e, via de regra, escritos em) *sites*, *blogs*, comunidades e fóruns, hoje circulam por uma série de redes sociais e de aplicativos em que a imagem – seja ela estática ou em movimento – predomina em relação à palavra escrita como forma de expressão do sujeito e de endereçamento ao (olhar do) Outro. Cumpre assinalar que esse fenômeno não se circunscreve a tais comunidades. Gomes et al. (2021) observam que, no âmbito da virtualidade como um todo, os laços hoje se organizam preponderantemente em torno da imagem, da exibição e da solicitação do olhar. Percebe-se, assim, que os movimentos pró-anorexia estão *pari passu* com os deslocamentos culturais:

Vivemos sob a predominância do Imaginário. Damos cada vez mais importância ao que mostramos, e menos ao que escondemos. Isso equivale dizer que o inconsciente

– ele próprio sendo essa dimensão "não-todo-revelada", misteriosa – tem tido menos lugar. Apesar de notarmos que, evidentemente, suas manifestações estão muito longe de terem cessado. Ao contrário, suas aparições seguem correndo soltas, e até em maior intensidade, já que há cada vez menos espaço para recolhê-las. (Flanzer, 2020, p. 55).

As imagens sempre tiveram importância nos espaços virtuais pró-anorexia – fotos de modelos extremamente magras circulam aí desde sempre a título de “inspiração” –, mas hoje elas são seguramente a sua maior parte. As palavras, via de regra, ficam reservadas aos campos das *hashtags* (Cobb, 2017).

Se as *hashtags* são a forma mais "visível" de comunicação nas redes sociais, possibilitando que usuários que não têm relação possam se conectar por meio da busca de um conteúdo específico, isso também as torna mais vulneráveis às intervenções dos moderadores desses espaços. Ainda em 2012, as redes sociais Instagram, Pinterest e Tumblr começaram a responder com uma oferta de recursos de ajuda às pesquisas de *hashtags* associadas à anorexia (como #proana) (Gerrard, 2018). Desde então, a maioria das plataformas sociais censuram o conteúdo sinalizado como pró-anorexia. Mais recentemente, em resposta às alegações de que o TikTok estaria “inundado com conteúdo que glorifica e promove transtornos alimentares para a sua base de usuários jovem e impressionável”, também essa plataforma baniu explicitamente as *hashtags* associadas aos discursos pró-anorexia e pró-bulimia (Herrick et al., 2020).

Embora necessária, essa medida é pouco efetiva, tanto porque os usuários se adaptam e constantemente criam novas *hashtags* em substituição àquelas censuradas pelas redes, como porque parece haver uma linha cada vez mais tênue entre os conteúdos pró-anorexia e outros que, supostamente, estariam referidos à saúde, ao bem-estar ou à espiritualidade. Assim, planos de jejuns, dietas e exercícios, por exemplo, associados a *hashtags* motivacionais ou outras mais “socialmente aceitas”, circulam livremente nas redes. Além disso, Gerrard (2018) aponta que alguns usuários deixam registrado por escrito em suas “biografias” nas redes sociais que fizeram suas contas (cujo conteúdo pode ser entendido como pró-ana) “para mim”, “para motivação” ou “para fins pessoais” – distanciando-se, assim, da “comunidade” pró-anorexia – ou que suas páginas são, ainda, “pró-recuperação”, “não-pró-qualquer-coisa” e outras posições complexas. Uma leitura possível dessas práticas é que os sujeitos que circulam por esses espaços na contemporaneidade estão recusando identidades socialmente estigmatizadas, como “anoréxicas”.

Para Cobb (2017),

Não surpreende que esses espaços sejam carregados de contradições quando consideramos que, por um lado, a cultura ocidental classifica a anorexia como patológica, mas, por outro, a disciplina corporal necessária para se alcançar a feminilidade normativa repousa em práticas como dietas da moda e exercícios intensos, que são profundamente desordenadas, mas vistas como normais. Assim, a anorexia admite uma dicotomia entre “magreza que é saudável e magreza que não é saudável”, o que tem o efeito de estigmatizar ainda mais os transtornos alimentares e de reforçar a magreza como um significante de saúde. (p. 6, tradução nossa).

Gerrard (2018) sustenta que embora os espaços virtuais que circulam conteúdos relacionados à anorexia sejam controversos e amplamente condenados, têm valor como (ciber)espaços de apoio, livres da estigmatização que seus usuários encontram em outras esferas. Para a autora, por meio das mídias sociais os usuários podem compartilhar seus processos de recuperação e histórias pessoais, buscar informações, fornecer conselhos e mostrar para si mesmos e para os outros que a recuperação é possível. Além disso, as plataformas digitais podem ser utilizadas a fim de conscientizar sobre os transtornos alimentares e, ainda, de desafiar as normas da cultura. Por isso, o virtual já não caberia em termos binários – de “ruim” ou “bom”. Também Val (2015) aposta que o reconhecimento e o compartilhamento do sofrimento no espaço virtual pode oferecer um endereço e, na melhor das hipóteses, a possibilidade de um trabalho de simbolização, capaz de moderar o imperativo da magreza.

Giongo (2004) nos lembra:

A condição de ser no Outro remonta ao próprio surgimento do sujeito. Como situa Lacan (1964), o sujeito depende dos significantes do campo do Outro, e, ao mesmo tempo, precisa separar-se, encontrar uma falta que permita a emergência do desejo. Alienação e separação acabam por constituir uma zona intermediária, [...] um dentro/fora que está no cerne de toda circulação social. (p. 94).

Talvez nos caiba, então, nesse Outro (já nem tão novo) tecido de telas e redes, encontrar as brechas – entre os binarismos – do discurso capazes de modificarem os circuitos e permitirem aos sujeitos se inscreverem aí, a partir do seu desejo, de outras formas, as mais autorais possíveis.

6. Considerações finais

Desde uma leitura psicanalítica, o sintoma pode ser compreendido como uma formação que, ao mesmo tempo, revela a verdade do sujeito e denuncia a ordem social e cultural. Quanto à anorexia, embora não se possa afirmar que seja um “novo” sintoma, é certo que os seus sentidos e significados variam – em cada época, em cada cultura e ainda em cada singularidade. No entanto, tendo percorrido o histórico do sintoma no eixo do tempo, parece haver uma constante: um dilema que se coloca entre a alienação e a separação.

Se nos primórdios do cristianismo a anorexia esteve associada ao ideal ascético de então, hoje pode-se depreender de seus traços centrais – o medo de engordar, o desejo de emagrecer e a distorção da imagem corporal – que está em estreita relação com os ideais (e imperativos) de beleza da atualidade. Temos aí, sem dúvida, a face da alienação do sujeito anoréxico ao Outro. Mas há outra perspectiva admissível. O Outro contemporâneo, como vimos, se apresenta ao sujeito como um Outro completo, sem falhas, que pode imediatamente satisfazer todas as suas necessidades com uma infinidade de objetos que tratam de cobrir ou reparar quaisquer faltas. É neste sentido – de “recusa dos objetos que o Outro empurra goela abaixo”, como referem Fuks e Campos (2010) – que pode-se pensar na anorexia como forma (sintomática) de oposição ao discurso capitalista que hoje rege o laço social, como tentativa de separação.

A questão da recusa, portanto, é central na anorexia. Para além da recusa do alimento há a recusa da castração, da morte, da passagem do tempo e das mudanças que ele produz no corpo. Assim, o sintoma anoréxico é tanto uma recusa das leis próprias da natureza como, também, das da cultura (Fuks, 2003). Quanto à sua contemporaneidade, Micheli-Rechtman (em Pencak & Bastos, 2009) sustenta que se a anorexia é um sintoma de nossa época é porque a anoréxica fecha o circuito da necessidade, porque quer "nada" em um universo onde todo mundo quer tudo.

Proponho, então, apostar no nada anoréxico como indício de desejo, como potência de ser alguma coisa que possa enlaçar sujeito e Outro em termos menos mortíferos. Como Gerrard (2018) e Pereira et al. (2019), acredito ser possível pensar nos efeitos da virtualidade na contemporaneidade também em termos menos radicais – ou mais, também em termos de potência. O virtual hoje é via de conexão e de inscrição de desejos e é nessa medida que pode ser, também, um espaço facilitador para “fazer circular o que a anoréxica tentou preservar, mesmo com risco de vida, pela via da recusa” (Herrero, 1999).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo? E outros ensaios* (V. N. Honesko, Trad.). Chapecó: Argos.
- Bidaud, E. (1998). *Anorexia mental, ascese, mística: uma abordagem psicanalítica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Birman, J. (2001). *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Braga, E. C. (2008, 15 de setembro). Ser ou Não-Ser: A Simulação e as Vicissitudes da Imagem Digital. In *RUA – Revista Universitária do Audiovisual*. <https://www.rua.ufscar.br/ser-ou-nao-ser-a-simulacao-e-as-vicissitudes-da-imagem-digital>
- Bruder, M. C. R., & Brauer, J. F. (2007). A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. *Psicologia em Estudo [online]*, 12(3), 513-521.
- Calligaris, C. (1994, 25 de setembro). O antinarciso. In *Caderno Mais! Folha de S.Paulo* (p. 14). <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/25/mais!/35.html>
- Cardoso, J. P. (2010). O diagnóstico diferencial na anorexia. In Gonzaga, A. P.; Weinberg, C. (Orgs.). *Psicanálise de Transtornos Alimentares*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Cobb, G. (2017). “This is not pro-ana”: Denial and disguise in pro-anorexia online spaces. *Fat Studies*, 6(2), 189-205.
- Conde, E. R. (2007). *“Linda de morrer”: a anorexia como fenômeno sócio-cultural*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VCSA-7Q2HAV>
- Costa, A. (2016). O corpo e seus litorais. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 50(2), 125-142.
- Cukiert, M., & Prizskulnik, L. (2002). Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*, 7(1), 143-149.
- Debord, G. (1967/1997). *A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Herrick, S. S. C., Hallward, L., & Duncan, L. R. (2020). "This is just how I cope": An inductive thematic analysis of eating disorder recovery content created and shared on TikTok using #EDrecovery. *International Journal of Eating Disorders*, 54(4), 516-526.
- Fernandes, M. H. (2016). A anorexia e a bulimia em Freud. In Weinberg, C. (Org.). *Psicanálise dos*

Transtornos Alimentares - Volume II. São Paulo: Primavera Editorial.

- Fernandes, M. H. (2001). As formas corporais do sofrimento: a imagem da hipocondria. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 4(4), 61-80.
- Ferreira-Lemos, P. P. (2011). Sujeito na Psicanálise: O ato de resposta à ordem social. In: Spink, M. J. P., Figueiredo, P., & Brasilino, J. (Orgs.). *Psicologia social e personalidade [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO.
- Flanzer, S. N. (2020). *Jovens em tempos digitais*. Rio de Janeiro: Consultor.
- Fuks, B. B., & Campos, T. S. P. (2010). Anorexia: da urgência de uma nova prática clínica. *Tempo psicanalítico*, 42(1), 39-62.
- Fuks, M. P. (2003). O mínimo é o máximo: uma aproximação da anorexia. In Volich, F. C. F., & Ranña, W. (Orgs.). *Psicossoma III: interfaces da psicossomática* (pp. 147-158). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Geraldo, R. P. S. R., & Lange, E. S. N. (2016). O declínio da função paterna na anorexia feminina. *Revista Subjetividades*, 16(2), 34-45.
- Gerrard, Y. (2018). Beyond the hashtag: Circumventing content moderation on social media. *New Media & Society*, 20(2), 4492 - 4511.
- Giongo, A. L. (2016). Menina-moça: um corpo que urge. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, 50(2), 40-48.
- Giongo, A. L. (2004). Diga-me com quem andar. In Costa, A., Backes, C., Rilho, V., & Oliveira, L. F. L. (Orgs.). *Adolescência e experiências de borda* (pp. 89-100). Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Goulart, M. T. A. (2003). *Anorexia nervosa: Uma leitura psicanalítica*. [Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro]. Repositório da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=4063@1
- Herrero, L. S. L. (1999). Anorexia: comer nada. Una perspectiva psicoanalítica. *Revista de la Asociación Española de Neuropsiquiatría*, 19(72), 599-608.
- Herscovici, C. R., & Bay, L. (1997). *Anorexia nervosa e bulimia: ameaças à autonomia*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hiluy, J., Nunes, F. T., Pedrosa, M. A. A., & Appolinario, J. C. (2019). Os transtornos alimentares nos sistemas classificatórios atuais: DSM-5 e CID-11. *Debates Em Psiquiatria*, 9(3), 6–13.
- Künsch, D. A., & Passos, M. Y. (2016). Notas compreensivas sobre o direito ao espetáculo. In Moraes, A. N. C., & Coelho, C. N. P. (Orgs.). *Cultura da imagem e sociedade do espetáculo* (pp. 25 - 45). São Paulo: UNI.

- Lacan, J. (1972-1973/1985). *O Seminário, Livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1958/1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1956-1957/1995). *O seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, J. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. In *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miranda Junior, H. C. (2020). O exercício da Função Materna e o semblante mulher na tábua da sexuação de Lacan. *Tempo psicanalítico*, 52(1), 38-60.
- Nakashima, A. H. R. (2016). A consistência e a insistência: o imaginário e o simbólico no início do ensino de Lacan. *Impulso*, 26(66), 107-120.
- Oliveira, F. L. G., & Santos, T. C. (2018). Considerações sobre as anorexias e as especificidades das neuroses contemporâneas. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 21(2), 309-330.
- Pena, D. C. S., & Marcos, C. M. (2021). A voracidade do supereu e a anorexia na adolescência. *Estilos da Clínica*, 26(2), 383-393.
- Pena, D. C. S. (2014). *A anorexia e o Outro: O paradoxo na relação do sujeito com o desejo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São João del-Rei]. Repositório da Universidade Federal de São João del-Rei. <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/ppgpsi/Publicacoes/Dissertacoes/DAYANE%20COSTA%20DE%20SOUZA%20PENA.pdf>
- Pencak, S. & Bastos, A. (2009). Anorexia mental e feminilidade. *Ágora*, 13(2), 347-363.
- Pereira, A. S., Binfaré, L. F., & Petrarca, R. C. (2019). Adolescência e virtualidade: vias de (des)conexão. *Publicação CEAPIA - Revista de psicoterapia da infância e da adolescência*, 28, 43-55.
- Perez, C. D., & Jacobsohn, P. G. (2016). Corpo e Virtualidade: Os transtornos alimentares na tecnocultura. In Weinberg, C. (Org.). *Psicanálise dos Transtornos Alimentares - Volume II*. São Paulo: Primavera Editorial.
- Pimentel, F. F. C. (2012). *Anorexia: um sintoma contemporâneo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/14624>
- Pinheiro, M. (2016). A paixão pela imagem: o eu como cenógrafo das virtualidades do si mesmo. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 19(1), 84-98.
- Pollo, V. (2011, 26 a 28 de maio). *O psicanalista e a ditadura da imagem*. VI Congresso Nacional de Psicanálise da UFC / XV Encontro de Psicanálise da UFC. (Congresso).

<http://www.psicanalise.ufc.br/hot-site/pdf/Mesas/51.pdf>

- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Recalcati, M. (2008). *Clínica del vacío, anorexias, dependencias, psicosis*. Editorial Síntesis.
- Refosco, L. L., & Macedo, M. M. K. (2010). Anorexia e bulimia na adolescência: expressão do mal-estar na contemporaneidade. *Barbaroi*, 33, 65-81.
- Ribeiro, M. A. C. (2011). *A neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Silva, A. N. (2019). Da Demanda ao Desejo: A Função da Recusa na Anorexia. *Psicanálise & Barroco em Revista*, 3(2), 17-27.
- Silva, A. N., & Bastos, A. (2006). Anorexia: uma pseudo-separação frente a impasses na alienação e na separação. *Psicologia Clínica [online]*, 18(1), 97-107.
- Silveira, M. T. (2003). Quadros colados: Relato de um caso de uma criança com eczema. In Volich, F. C. F., & Ranña, W. (Orgs.). *Psicossoma III: interfaces da psicossomática* (pp. 55-68). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Soria, N. (2001). O corpo na anorexia: da imagem ao semblante. *Correio: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise*, 35, 38-42.
- Souza, D. E., & Kosovski, G. F. (2018). Mulheres e Espelhos: a Devastação e o irrepresentável no corpo feminino. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 166-172.
- Teperman, D., Garrafa, T., & Iaconelli, V. (2022). *Corpo - Coleção Parentalidade & Psicanálise*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Torezan, Z. C. F., & Aguiar, F. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 11(2), 525-554.
- Trinca, T. P. (2008). *O corpo-imagem na "cultura do consumo": uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista]. Repositório Institucional UNESP. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/99271>
- Val, A. C. (2015). *Entre o singular e o coletivo: narrativas sobre anorexias e bulimias no contemporâneo*. [Tese de Doutorado, Fundação Oswaldo Cruz]. Repositório Institucional da Fiocruz. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/15100>
- Vellei, C. S. (2021). Narrativas efêmeras em tempos de stories. In Silva, W. S. (Org.). *Tecnoimagética [recurso eletrônico]: vida esparramada em superfícies* (pp. 95-113). ECA-USP.
- Weinberg, C. (2010). Do ideal ascético ao ideal estético: a evolução histórica da Anorexia Nervosa. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental [online]*, 13(2), 224-237.

Weinmann, A. O. (2016). Notas sobre a erótica contemporânea. *Sig: Revista de Psicanálise*, 5(1), 11-21.